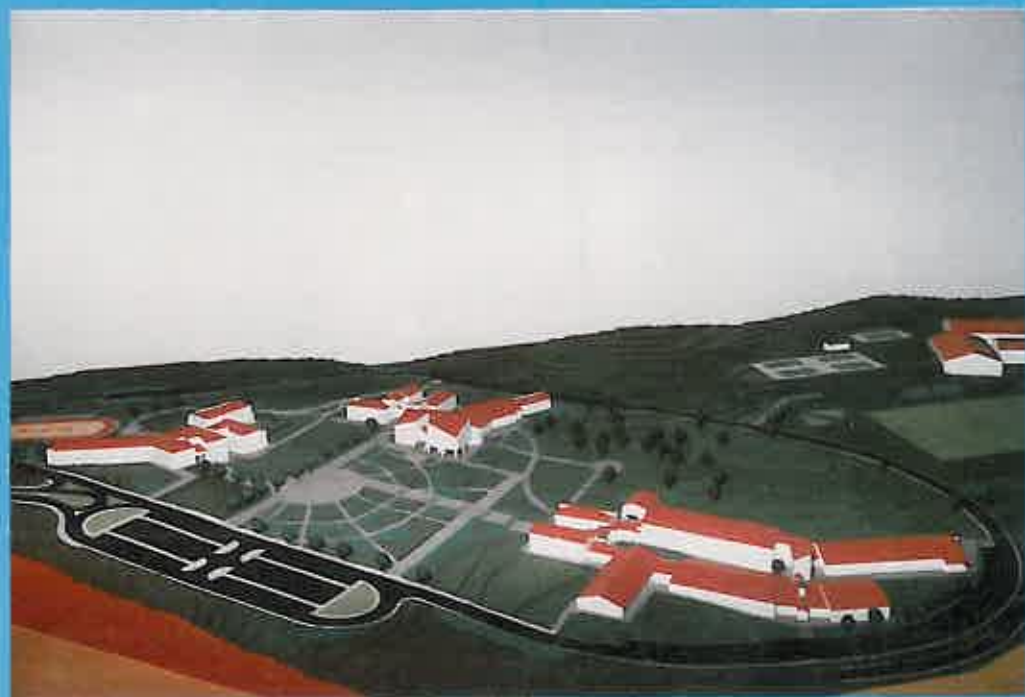


EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 5 / Setembro / 89

ABERTURA PARA O MUNDO ...

"Português que viva apenas para Portugal, como acho queria o Velho do Restelo, não tem significado algum nem vale a pena existir no mundo; temos de viver para o universo, ou seremos inúteis".

Agostinho da Silva

Sempre defendemos a formação integral do indivíduo. Tal significa, para nós, em termos globais, o crescimento perante conhecimentos gerais e específicos; o acordar das potencialidades de cada um; a afirmação do indivíduo perante ele próprio, em primeiro lugar, perante os outros e o mundo, depois; o, já tantas vezes referido, saber, saber fazer, saber ser; enfim, um caminhar efectivo para a realização e para a felicidade.

O presente número, o quinto, de "Educação e Tecnologia", enquanto "um espaço aberto", objectivo — génese da sua existência e da sua afirmação — na linha do que atrás referimos, inclui já a participação de professores de Instituições ligadas ao Instituto Politécnico da Guarda pelo Programa Erasmus. Isto constitui um sinal evidente da cooperação que, a vários níveis, há alguns meses atrás, foi acordada em protocolos com Bayonne, Brighton, Coventry, Créteil, Pau e Salamanca.

Este aprofundamento de relações entre instituições europeias de ensino superior veio favorecer a vivência do espírito comunitário e imprimir nos alunos a consciencialização do conceito da nova Europa da cultura e dos cidadãos.

Defendemos e prosseguimos um caminho de abertura para o mundo das coisas, das pessoas e do saber, numa perspectiva integradora em que a verdadeira dimensão do humano se procure, se veja e se consubstancie na efectiva comunhão do universal.

João Bento Raimundo

Presidente da C. I. do
Instituto Politécnico da Guarda

A INDÚSTRIA DOS LANIFÍCIOS EM ALVOCO DA SERRA - GÊNESE E DESENVOLVIMENTO -

Jorge Manuel Mateus de Albuquerque *

I - ENQUADRAMENTO ECONÓMICO-GEOGRÁFICO

Entre Loriga e Unhais da Serra, na estrada nacional nº 231 Viseu - Pedras Lavradas, a 684m de altitude, na vertente sudoeste da Serra da Estrela, na margem direita de um afluente do rio Alva, fica a povoação mais próxima topograficamente da Torre, precisamente Alvoco da Serra.

A escorregar da serra, da imponência adamastoriana dos montes Arcazes (1183m) e Taloeiros (1511m), tal como as águas cristalinas das inúmeras nascentes, fontes e ribeiros, oferece recantos aprazíveis e convidativos a repouso entre manchas de verdura e murmúrio das águas, onde a quietude retempera os nervos e acalma o espírito. O pitoresco dos lugares, a magia da luz, a paisagem policromática, o adorável bucolismo dos montes e vales, a vasta escadaria de socalcos, testemunha inequívoca da secular e ingente acção do homem, tudo isto constitui um prazer indizível e encanta porque invulgarmente belo!

Antiga vila da província da Beira, com foral manuelino (1514) foi concelho até à grande reforma administrativa de 1836.

Assim como Loriga e Unhais da Serra, também Alvoco da Serra domina um vale, situado logo abaixo da bacia de recepção, pronto a receber as águas da serra, na zona de contacto entre o granito e o xisto, secularmente presente nas suas edificações.

De Alvoco proliferam para jusante, ao longo do vale que se vai alargando, casais, quintas, lugarejos, reflexos de uma ocupação do solo mais ou menos recente. Para montante a aspereza do terreno é um enorme obstáculo ao povoamento e à própria vida agrícola.

* Professor do Ensino Secundário

Os habitantes de Alvoco da Serra viveram durante muitos séculos do pastoreio, duma agricultura subsidiária em que o fabrico do pão era o objectivo primordial — o centeio, naturalmente! — já que o milho maiz só começou a ser cultivado e a modificar profundamente a paisagem no séc. XVIII, ⁽¹⁾ e da manufactura doméstica de lã.

A economia tradicional assentava, assim, na criação de gado caprino e ovino, mel e cera das colmeias, castanhas dos soutos e episódicas culturas de centeio feitas sobre arrotelas e queimadas. Produzia-se o necessário para comer — carne, leite, queijo, castanha, mel e pão — e para vestir — linho e sobretudo lã que impulsionou um artesanato rudimentar de panos grosseiros (saragoça, surrobeco e baeta — xalles e cobertores). Mas a vida pastoril dominava nesta economia tradicional.

Com a introdução da cultura do milho, o aumento das regas, a disseminação pelo vale de casais, quintas e lugarejos, o parcelamento da terra, a decadência do comunitarismo e depois com a industrialização dos tecidos de lã ⁽²⁾, a arborização dos baldios e a decadência do pastoreio, inaugura-se a fase moderna da História rural.

É dentro destas balizas económico-geográficas que vamos tentar discernir a origem e posterior desenvolvimento dos lanifícios em Alvoco da Serra.

II - 1) A TRADIÇÃO MANUFACTUREIRA

A produção de panos de lã é mais antiga do que a própria nacionalidade. ⁽³⁾ Fabricaram-se em Portugal panos de lã grosseiros, os buréis, empregados pelas camadas menos favorecidas. Ao lado de determinados profissionais, como os criadores de carneiros, tosadores, cardadores, indivíduos que batiam o tecido nos pisões e tintureiros, as camponesas nos seus lares fiavam e teciam a lã.

No séc. XVI, os principais centros manufactureiros eram as Beiras e o Alentejo, destacando-se já a Covilhã e a *região circundante*. Mais tarde, a política do 3º Conde da Ericeira, através do alvará de 1686 e do regimento de 1690, proibindo o uso de panos importados, o desenvolvimento industrial pombalino continuando com ligeiras alterações, provocou um surto industrial nos finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX.

Pareciam, efectivamente, estarem reunidas todas as condições para o "Take-off" ⁽⁵⁾ que aprioristicamente se poderia

(1) *Livro da Confraria de S^a António*, 1749 - 1773, folha 12v - Arquivo da Junta de Freguesia de Alvoco da Serra;

(2) Inquérito Industrial de 1881, Lisboa, Imprensa Nacional 1881;

(3) *Dicionário de História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão, Volume III - Iniciativas Editoriais Porto, 1979 - p. 432;

(4) *Id.*, *ibid.*, vol. IV, pp. 262 - 264;

(5) W.W. Rostow, *Etapas do Desenvolvimento Económico*. 5ªed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974, pp. 18-20;

ter realizado nos inícios do séc. XIX. Tal não veio a suceder devido à reunião de vários factores: acção atrofiadora da indústria britânica, concorrência estrangeira até meados de oitocentos e livre - cambismo da Regeneração que mediará até 1892, quando é fixada uma nova pauta aduaneira ⁽⁶⁾ proteccionista, possibilitando assim, em finais do séc. XIX - inícios do séc. XX, um novo surto industrial.

Traçadas as linhas genéricas do devir dos lanifícios em território nacional, importará agora reter o processo do seu desenvolvimento na vertente sudoeste da Serra da Estrela, particularizando o caso de Alvoco da Serra.

A "Indústria" de lanifícios nas "Terras de Seia", sem maquinarias complexas, remonta a alguns séculos. Neste fabrico rudimentar, os cardadores trabalhavam sobre cavaletes de madeira e os tecelões nas suas casas, serviço normalmente efectuado nas horas vagas do trabalho agrícola e, nos serões de Inverno, aviavam fechos e palmilhas. Homens e mulheres tosquiavam as ovelhas, tingiam e escaldavam a lã, cardavam à mão, flavam à roda; depois teclam e pisavam nos antigos pisões de maço. Enfim, depois de pronto o pano, quando não era utilizado na casa, iam vendê-lo, levando às costas, enrolado num pau, aos mercados mais próximos, à Covilhã, ao Fundão e a Viseu, e alguns comerciantes em ponto grande, vendiam aos fardos, carregavam dois ou três machos e iam levar fazenda ao Alentejo.

Alvoco da Serra, Loriga, Valezim e S. Romão receberam a influência de "traz da serra", da Covilhã, onde o Marquês do Pombal havia fundado a Fábrica Real no Quartel de Infantaria nº21. Valezim chegou a ter 2 mercados de panos de varas e de burel, com 250 teares, segundo afirma o Padre Carvalho na sua *Corografia* ⁽⁷⁾.

O tear caseiro, manejado a maior parte das vezes por mulheres, era um suplemento de ganhos a juntar aos produtos da terra ou do rebanho - de modo nenhum ocupação exclusiva. As crianças eram educadas na tradição familiar do trabalho doméstico e cedo se tornavam bons operários sem deixarem de ser pastores ou trabalhadores da terra.

Segundo os inquéritos industriais ordenados pelo Marquês de Pombal, ⁽⁸⁾ Alvoco da Serra, Loriga, Valezim, S. Romão, S.^{ta} Marinha, Gouveia e Melo, são mencionadas como vilas da "Província da Beira onde há fábricas de panos", particularmente "panos de varas" ⁽⁹⁾ "çaragoças como palmilhas" ⁽¹⁰⁾ valendo "cada vara 250 a 260 reais" ⁽¹¹⁾. "A lã de que se fazem he do País e alguma

(6) J. M. Amado Mendes - *Sobre as relações entre a indústria portuguesa e a estrangeira no século XIX in "O Século XIX em Portugal" - comunicação ao colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais (G.I.S.) Lisboa, Editorial Presença, Novembro de 1979, pp. 34 - 36;*

(7) Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1708;

(8) Luís Fernando de Carvalho Dias, *História dos Lanifícios (50 - 1834) Documentos I*. Lisboa 1958.

(9) Id., *ibid.*, p. 55;

(10) Id., *ibid.*, p. 56;

(11) Id., *ibid.*, p. 58;

que vem de Castella, e ainda mayor parte da Prov^a do Alentejo especialmente para traz da serra" (12).

Dentro deste contexto, não causa espanto o aparecimento em Alvoco da Serra de fabricantes - comerciantes que calcorream o país e não só, no negócio das lãs.

2) GRANDES FABRICANTES - COMERCIANTES

A preparação dos tecidos era manual. Depois de "escrameada", batida à vara, sugada, escaldada, tratada com urinas e gredas, lavada na ribeira e seca nas areias, a lã era fiada, cardada com uma tábua de madeira e ultimada nos pisões (13).

Quem hoje ainda contactar a população de Alvoco da Serra, ficará agradavelmente surpreendido por uma certa riqueza de vocabulário e uma determinada correcção da linguagem, devido precisamente aos seus contactos ancestrais. Gente muito viajada, percorria o país de lés a lés, chegando inclusivamente até à França no negócio das lãs!

MANUEL LUÍS FERNANDES

Foi o primeiro, Manuel Luís Fernandes que o povo tratava por "senhor Manuel Luís". Pelo seu espírito empreendedor, muito trabalhador, veio a ser um dos mais ricos da antiga vila. Homem de horizontes largos, resolveu ultrapassar determinadas metas e transpor os Pirinéus. E em "1800 aí vai o senhor Manuel Luís com uma caravana de muares" (14) buscando melhores mercados para as suas fazendas e regressando com lãs merinas de boa qualidade e boas maneiras. Por temerária foi tomada a sua empresa, foi por Viseu e fronteira Norte, reprovado pelos velhos e louvado pela juventude.

Levava aguardente medronheira para compor os saborosos vinhos de Bordéus e os artefactos da sua "indústria", panos de vara e palmilhas. Quando voltava, trazia produtos de tinturaria, sobretudo anil, sedas, merinos e cachinés. Cada uma destas viagens demorava cerca de três meses.

Emprestava os seus dinheiros sem juro ou com juro módico.

JOÃO DE BRITO

Humilde, filho de humildes, conseguiu pelo seu esforço vir a ser um dos homens mais importantes da sua terra. Construiu em Alvoco a primeira fábrica de lanifícios, em 1856. Percorria o país

(12) Id., *ibid.*, p. 58;

(13) Carminda Cavaco, Isabel Marques - *Os Vales de Loriga e de Alvoco na Serra da Estrela*, Lisboa, 1966, p.196;

(14) Id., *ibid.*, p. 196;

vendendo panos e comprando lãs - Alentejo - mercado de abastecimento dos fabricantes - comerciantes de Alvoco da Serra.

Teve uma plêiade de filhos que só o dignificaram e à própria terra. Não cabe no âmbito deste pequeno estudo fazer a abordagem dessa temática, ficará naturalmente para outra oportunidade.

SEBASTIÃO DE PINA

Rico proprietário e industrial, percorreu o país no negócio das lãs, dois dos seus filhos ascenderam ao baronato e fundaram duas fábricas em Alvoco, António Monteiro de Pina, Barão de S. Domingos, a segunda, e Joaquim Monteiro de Pina, Barão de Alvoco da Serra, a terceira. Veremos posteriormente a importância regional e até nacional por elas atingida.

III - ALVOCO DA SERRA E O ARRANQUE INDUSTRIAL DE MEADOS DO SÉC. XIX

Dois factos vinculam a manufactura dos lanifícios à Serra da Estrela: Um certo tradicionalismo, ligado à existência de famílias que durante gerações inteiras se consagraram ao mester da tecelagem e de quedas de água que accionam os mecanismos das fábricas, desde a roda hidráulica. A tecelagem criou mão-de-obra especializada e não se contenta com os recursos da lã grosseira local, daí o recurso à importação, particularmente do Alentejo.

Na vizinha Loriga, a primeira tentativa de concentração do artesanato remonta a 1806, com apenas uma secção de fiação e outra de cardação, mas a primeira fábrica só vem a surgir em 1856 ⁽¹⁵⁾; é de notar que mais tarde foram chamados operários da Covilhã para ali trabalharem, procurando-se assim pôr em prática as novas técnicas da época.

Entretanto, em Alvoco, a primeira fábrica surgiu em 1858 ⁽¹⁶⁾ junto da Ponte Romana, que tradicionalmente dava acesso aos diversos lugares da freguesia, por iniciativa do já citado João José de Brito. A segunda fábrica fundada na localidade, foi a do Barão de S. Domingos, da família dos Pinas, António Monteiro de Pina, em 1877 ⁽¹⁷⁾, a chamada fábrica do Engenho, dando o nome ao local que ainda na actualidade é conhecido por "Engenho da Serra". A terceira fábrica a ser fundada, foi a chamada "Fábrica do Meio", pelo futuro barão de Alvoco da Serra, ⁽¹⁸⁾ Joaquim Monteiro de Pina, em 1879. Foi este barão que mandou vir de Portalegre uma máquina a vapor, que entrou na povoação em 1890, puxada por três juntas de bois, através das encostas de

[15] "Voz da Serra" n.º 1029 de 14 de Agosto de 1964;

[16] *Inquérito Industrial de 1881*, Lisboa; Imprensa Nacional, 1881.

[17] *Id.*, op. cit.;

[18] O título de Barão foi-lhe dado por carta de lei de 13 de Abril de 1898 no reinado de D. Carlos;

Alvoco e, perante a incredulidade dos seus conterrâneos, conduz as juntas de bois na travessa da Ponte Romana, que todos anteviam que ruísse ...

A actividade industrial fora adquirindo assim certa importância, mas não obstante a esperança da ribeira, cuja água fazia mover as rodas hidráulicas e duma tradição artesanal, parecia um pouco deslocada, na medida em que grande parte da matéria-prima não era regional.

As fábricas, no entanto, cuja introdução no fundo daquelas serranias seria considerada uma empresa louca por quaisquer outros que não fossem os seus habitantes, dando trabalho a algumas centenas de pessoas, abriram uma importantíssima fonte de riqueza e de prosperidade. Vulgarizaram-se, assim, os teares em grandes construções, onde se concentraram todas as tarefas até então disseminadas por modestas palheiras das leiras vizinhas e muitas vezes arrendadas, alargaram-se os estendedores pelas encostas soalheiras e, para nelas trabalhar, recrutaram-se uma vez mais os operários entre a gente local que já tradicionalmente procedia à manufactura caseira dos artefactos de lã.

E assim em 1881, através do Inquérito Industrial então realizado, vemos que no concelho de Seia existiam 15 fábricas de lanifícios: duas na freguesia de Seia, três em S. Romão, sete em Loriga e três em Alvoco da Serra ⁽¹⁹⁾. A fábrica do Engenho da Serra, pertence ao Barão de S. Domingos, António Luís Monteiro e Pina, fábrica completa, logo com cardagem, fiação, com uma roda hidráulica mista com a força de 18 cavalos empregando 44 pessoas - 24 homens mais 20 mulheres com 12 tecelões; a lã vinha de Évora e os tecidos fabricados eram a saragoça catrapeanha ⁽²⁰⁾, briche liso, briche piloto, pano mescla, pano azul, baeta xadrez, pano surrobeco e palmilhas. O fabrico faz-se consoante os pedidos dos fregueses, calculando-se em 500 peças de produção total, sendo os mercados de consumo o Minho, o Alentejo e o Algarve, a do melo, pertencente ao futuro Barão, Joaquim Monteiro de Pina, igualmente completa, com roda hidráulica mista, da força de 20 cavalos, com 72 operários - 49 homens e 23 mulheres - entre os quais 18 tecelões, produzindo os mesmos tecidos que a antecedente, com os mesmos mercados abastecedores de lã, produzindo cerca de 600 peças por ano. Finalmente a fábrica da viúva de João José de Brito, com roda hidráulica mista de força de 16 cavalos, completa, com 62 operários, 42 homens e 20 mulheres entre os quais 16 tecelões, os mesmos mercados abastecedores e de consumo e os mesmos tecidos fabricados que as fábricas antecedentes.

Os operários melhor remunerados eram, logicamente, os

(19) Inquérito Industrial de 1881, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881;

(20) *Ibid.*;

tecelões, pagos por empreitada na fábrica dos barões e a 1300 a 2000 reis por peça de 30m 18kg na fábrica da viúva de João José de Brito.

Relembre-se que, em 1863, só existiam 5 fábricas de lanifícios em todo o concelho de Seia, uma das quais em Alvoco da Serra, a de João José de Brito empregando 36 pessoas! ⁽²¹⁾.

Todos estes proprietários se queixavam duma necessidade premente : uma estrada que os ligasse directamente aos centros abastecedores e consumidores da sua indústria.

IV - O MAGNO PROBLEMA - VIAS DE ACESSO

Efectivamente, apesar de a sua terra ser um importante centro criador de gado bovino e caprino, apesar de ter uma excelente exportação de queijo e de milho e de ser um notável centro fabril, os seus habitantes continuavam a "suar sangue" para transportarem produtos e matérias-primas. *"Quem tiver viajado de S. Romão a Alvoco da Serra e d'aqui à Teixeira, pode morrer sem confissão que lhe serão perdoados todos os pecados"* ⁽²²⁾. Sintomático! Daí que a Junta de Paróquia de Alvoco da Serra, presidida pelo Barão de S. Domingos, dirigisse um apelo aos deputados da Nação em 8 de Maio de 1887 ⁽²³⁾ para que em Cortes se decretasse uma estrada distrital que partindo da estrada municipal de "Ceia" a S. Romão, siga desta povoação por "Vallezim", Loriga e Alvoco e vá entroncar no sítio das Pedras Lavradas com a estrada real que vem de "Covilham" e que *"d'alli segue pela Ponte das Três Entradas até Santa Comba Dão"* ⁽²⁴⁾. Fala-se na altura que as "Três fábricas de lanifícios consomem cerca de 225000 kilos de "lame e por certo se teria multiplicado e desenvolvido progressivamente esta sua indústria se tivesse vias de comunicação que lhe facilitassem o transporte dos objectos de que carece, principalmente da matéria prima e das suas manufacturas aos mercados e centros de consumo" ⁽²⁵⁾. E continua, *"indicada estrada satisfará o fim desejado porque por meio dela conseguirão os povos da serra ir fornecer-se de lam à feira de S. João em Évora e concorrer com os seus artefactos aos mercados de Covilhã, Fundão e Arganil e outros no distrito de Coimbra e aos de Mangualde e Feira Franca no distrito de Viseu"*.

O Dr. João Augusto de Pina, teólogo, irmão do Barão de S. Domingos e do futuro Barão de Alvoco da Serra, então deputado pelo círculo de "Ceia" apresentou na Câmara dos Deputados 4 representações: da Câmara Municipal de "Ceia" e das Juntas de

[21] *Ibid.*;

[22] "Distrito da Guardia" - n.º 401 de 8 de Novembro de 1885;

[23] Livro de Actas da "Junta de Parochia" de Alvoco da Serra - 1879 a 1905 - fls. 28 e 28v;

[24] *Ibid.*;

[25] *Ibid.*;

[26] *Ibid.*;

"parochia" de "Vallezim", Loriga e Alvoco, pedindo a continuação e conclusão da estrada "districtal" nº 44, já construída de "Viseu" a "Ceia" e que devia ir entroncar às Pedras Lavradas com a que vinha de "Unhaes" a "Gallizia" e Santa Comba Dão.

Entretanto, o próprio Barão de Alvoco da Serra foi deputado e numa das raras intervenções na Assembleia, versou os problemas de viação na Serra da Estrela. Depois de muitos e estêreis discursos, o Barão resolveu entrar desta maneira na discussão:

- *Peço a palavra para 2 palavras!*
- *Tem a palavra o sr. Barão de Alvoco da Serra!*
- *Ou os senhores me chegam a estrada ao terminus no lugar dos Trigais ou atro com os aparelhos ao ar, nas próximas eleições!*

Mas, em Outubro de 1931 a estrada nº 44 - 2ª classe ligando o concelho de Seia ao da Covilhã ainda não estava completa, faltando um troço de 8 km! ⁽²⁷⁾. Apenas em 1949 estaria completa a ligação Alvoco da Serra - Vasco Esteves de Baixo, com a qual os distritos de Castelo Branco, Guarda, Viseu e Coimbra ficam ligados ⁽²⁸⁾.

Mas, remontemos ainda ao século XIX. O Barão de Alvoco da Serra, instalou na sua fábrica uma locomóvel que produzia não só a força motriz na escassez de água no Verão, mas também o vapor para uma lustradeira, pelo que os surrobecos bem tecidos em teares manuais e depois acabados, eram tintos em preto e depois lustrados, ficando o conhecido "briche" de que eram feitos os fatos domingueiros e de cerimónias, os "varinos" e as capas à espanhola.

Este Barão chegou a comprar a produção em "xerga" (artigos depois de tecidos) nas outras unidades congêneres e vinha ultimá-los à sua fábrica, lançando-os no mercado com a sua marca. Algumas fábricas vinham a Alvoco ultimar e lustrar os seus tecidos.

V - O SÉCULO XX E A DECADÊNCIA INEVITÁVEL

Por volta de 1900, em Alvoco da Serra, havia duas fábricas: a do Sr. António Garcia de Mascarenhas e uma fábrica a vapor, do Barão de Alvoco, Sr. Joaquim Monteiro da Pina, que fabricavam briches, baetas e saragoças empregando um pessoal operário superior a 200 indivíduos de ambos os sexos ⁽²⁹⁾.

Com a primeira Grande Guerra, embora com paralisações, a actividade industrial não esmoreceu totalmente — pese o facto de

[27] "Districto da Guarda" - Outubro de 1931;

[28] "Voz da Serra" nº 689 de 5 de Julho de 1949;

[29] E. Pereira e Guilherme Rodrigues - Portugal - Vol.1 - A, Lisboa, 1904, p. 404;

as fábricas pertencentes ao Barão de Alvoco da Serra estarem inactivas durante dez anos, de 1907 a 1917. Entretanto, continuava a desenvolver uma actividade normal a denominada fábrica "Fundeira" dirigida pelo Sr. José Mascarenhas.

Em Maio de 1917 finava-se o Barão de Alvoco da Serra, pioneiro da modernização da indústria na localidade. No mesmo ano, um industrial do Tortosendo de fino trato, o Sr. José Craveiro Júnior, arrendou as fábricas do falecido, tal como a denominada "fundeira" e a actividade industrial reanimou-se. As fábricas vão estar em laboração mas associadas a industriais de Loriga, os Srs. José Lages e Pina Calado e a "fundeira" ao Sr. Manuel Leitão, de Loriga.

Entretanto, a situação vai alterar-se na década de 30: homens de Alvoco chamam a si a responsabilidade de eles próprios dirigirem as fábricas locais e assim, o Sr. Eduardo Moura, logo nos primórdios da referida década arrenda a citada "fundeira" e o Sr. José Pinto Mateus, as restantes, mas já em meados da década. Este último industrial teria entre 8 e 10 tecelões e cerca de 30 operários. A matéria-prima, a lã, vinha do Alentejo e do meio local. No entanto, a referida fábrica vem a fechar as suas portas em 1941, em plena segunda guerra mundial.

É assim que em 1944 (30) havia dezassete fábricas de lanifícios em todo o concelho de Sela: 7 em Loriga, 5 em S. Romão e uma em Alvoco da Serra, a do Sr. Eduardo Moura, entre outras. Mas é nesse mesmo ano, fruto dum certo enriquecimento provocado pela exploração do volfrâmio, que uma sociedade de 3 alvocenses, os Srs. Armindo Pinto Mateus, Joaquim e António de Brito, mais tarde conhecida por "Sociedade Mateus e Britos Lda" adquiriu as fábricas do "Engenho da Serra" e do "Meio", que haviam pertencido ao Barão de Alvoco da Serra, sociedade essa que se vai manter activa justamente até aos inícios da década de sessenta.

Fabricava, especialmente, surrobecos, cheviotes, cobertores de fantasia e cobertores de tipo militar, mantendo 12 teares manuais e cerca de 50 operários. A outra fábrica mantinha 4 teares manuais e cerca de 20 operários.

Na fábrica do "Meio", constituída por 3 pisos, cada um tinha a sua função: no andar inferior estava implantada a fiação, no do meio estavam as urdideiras e as caneleiras e no superior os teares manuais. A roda hidráulica continuava a imprimir o movimento ancestral aos diversos maquinismos ... No entanto, a actividade industrial definha por completo em Alvoco da Serra nos inícios da década de sessenta. Quais as causas essenciais deste fenómeno que vai ter reflexos iniludíveis na vida local?

Por um lado, a pouca disponibilidade de capitais cerceou as possibilidades de modernização e de melhoria do equipamento, donde resultou a inviabilidade de concorrência com centros de lanifícios próximos: Covilhã, Tortosendo, Unhais, Sela e S.

Romão, que entretanto se haviam modernizado e começado a lançar no mercado tecidos mais finos, as fibras, a preços mais acessíveis! Por outro lado, o mercado não consumia grandes quantidades do mesmo padrão, pouco moderno e satisfazendo apenas compradores modestos e, por último, exigia-se uma grande capitalização, motivada pela ambivalência dos industriais, para além de fabricantes eram também comerciantes! Esta situação arrasta consequências para uma povoação que há mais de um século vira surgir a primeira fábrica.

VI - CONSEQUÊNCIAS

A indústria dos lanifícios empregava e mantinha a maior parte da população, o que naturalmente levou aqueles que dela viviam e nela trabalhavam a procurarem novos rumos e modos de vida. O êxodo foi para centros fabris e estrangeiro — migração, sobretudo para Lisboa, em meados da década de 60 cerca de 200 famílias de alvocenses viviam em Lisboa ⁽³⁰⁾ e emigração — a diáspora europeia dos alvocenses começou nesta altura. Uma autêntica sangria na gente nova, activa, empreendedora, modificou por completo a paisagem de Alvoco, tornando-a numa aldeia de crianças, velhos, reformados e com diminuta população activa. A linguagem dos números é elucidativa:

1527: 46x4.....	184 habitantes	(31)
1739	225	" (32)
1821	672	" (33)
1864	949	" (34)
1878	1086	"
1890	1123	"
1900	1175	"
1920	1299	"
1930	1374	"
1940	1309	"
1950	1388	"
1960	1384	" 732 (35)
1970	1284	"
1980	980	" 461

(30) Carminda Cavaco, Isabel Marques, op. cit. p. 236;

(31) Fórmula matemática geralmente utilizada para encontrar o número de habitantes, de acordo com *O Cadastro da População do Retno*, 1527;

(32) António de Oliveira Freire - *Descrição Corográfica do Retno de Portugal*, Lisboa, 1739;

(33) Baptista de Lima, *Terras Portuguesas*, Póvoa de Varzim, Tipografia Camões - Editora, 1932;

(34) Américo Costa - *Diccionario Chorografico de Portugal Continental e Insular Vila do Conde*, 1930;

(35) Note-se que é um número relativo apenas à sede de freguesia;

(36) Idem.

Duas inevitáveis ilações:

- 1ª - Desde 1878 que a população da freguesia não baixava da casa dos mil habitantes, em 1980 — 980 habitantes!
- 2ª - A população de Alvoco permanece estável ou pouco se altera durante o período de implantação das fábricas: compara-se igualmente o número de habitantes da sede em 1960, data em que as fábricas ainda labutavam - 732 com os dados de 1980 - 461! E como será em 1990?

VII - CONCLUSÃO

Do trabalho realizado, que mais não pretende ser do que uma reflexão manifestamente insuficiente sobre os lanifícios em Alvoco da Serra, quereria retirar as seguintes conclusões:

- 1º - A manufactura doméstica da lã é muito antiga em Alvoco da Serra e anda ligada às condições locais, mais propriamente ao pastoreio de ovelhas que a alimentou;
- 2º - Essa manufactura é já importante, como o reconhecem os Inquêritos Pombalinos;
- 3º - As fontes de abastecimento da matéria-prima (a lã) alteraram-se com o devir histórico e assim, nos inícios do séc.XIX fabricantes - negociantes de Alvoco da Serra abasteciam-se já no próprio Alentejo, preocupação pela qualidade das suas fazendas;
- 4º - As fábricas surgiram oriundas por um lado do peso da tradição manufactureira da lã, de capitais particulares oriundos do comércio dessas manufacturas e por outro, de condições concretas locais: abundância de água para mover as rodas hidráulicas e uma certa abundância de lã;
- 5º - Em finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, Alvoco da Serra era um centro fabril com uma certa pujança: as suas fábricas empregavam um pessoal operário superior a 200 indivíduos, e os seus produtos ganharam fama nacional;
- 6º - Apesar de todas as crises, a indústria foi-se mantendo e mantendo uma população estável ou com tendência para aumentar;
- 7º - Com o encerramento das duas fábricas existentes, a de Eduardo Moura e da Sociedade Mateus e Brito, Lda. encerrava-se talvez o capítulo mais importante da História de Alvoco da Serra. Não é por acaso que neste período a sua população ou se mantém ou aumenta e vê dois dos seus filhos ascenderem ao Baronato: o Barão

de S. Domingos, António Monteiro de Pina e o Barão de Alvoco da Serra, Joaquim Monteiro de Pina;

- 8º - A partir da década de sessenta é a decadência inexorável, a linguagem dos números é clara, 732 habitantes em 1960, 461 em 1980;
- 9º - Para além do desenvolvimento turístico que as suas condições naturais não requerem mas exigem, urge lançar qualquer ramo de indústria que fixe a população: a lição histórica é irreprensível;
- 10º - A história de Alvoco da Serra por todo o processo referido, pela influência social, demográfica e económica dos lanifícios é, em grande parte, a História dos lanifícios.